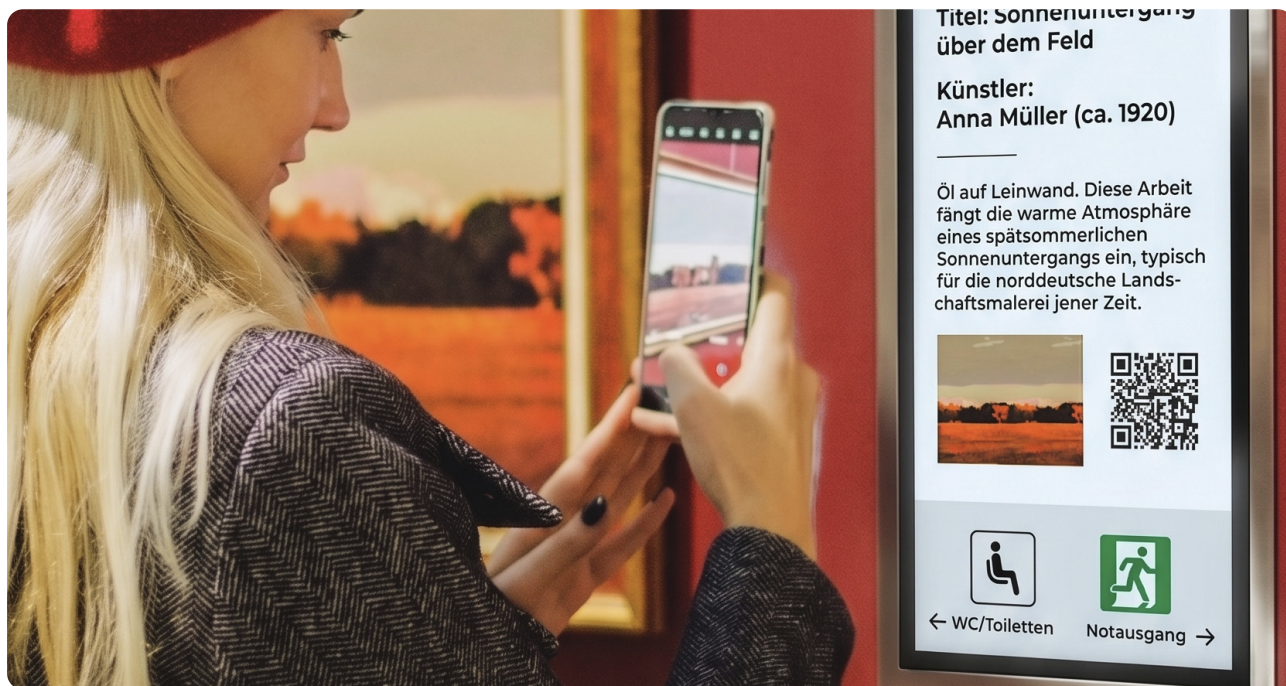


NEWS

A arte de desaparecer

Sobre placas que sussurram para que os quadros falem

26 de junho de 2026, Tobias Engl



A um palmo de um Morandi, está pendurada uma placa da obra, pouco maior do que um postal. Durante todo o dia sussurrou: o nome, o ano, três frases sobre o cinzento que o pintor misturou a partir de pó e paciência. Quando a última visitante sai da sala e só o soalho fala, ela recolhe-se, até a sua superfície absorver a luz do fim da tarde como papel feito à mão.

É esse o seu truque. Não brilha contra o quadro, espera. Se alguém se aproxima de manhã, desperta da sua meia-sonolência, clara o suficiente para ser lida, discreta o suficiente para não ofuscar o verniz ao lado. Um sensor conta os passos, não os rostos. Quem passa fica por contar. Quem se demora recebe uma palavra.

De manhã, diante do Morandi, está uma mulher de Quioto. Toca na placa e o texto reorganiza-se ... lido da direita para o homem ao lado, que veio de Beirute, em letras grandes para a senhora com a lupa. Três pessoas, uma placa, nenhuma pilha de folhetos impressos que ao fim do dia acaba no cesto. As línguas mudam, o quadro continua a ser o que é.

À tarde, uma turma escolar aglomera-se diante da obra vizinha. Um rapaz pousa o dedo na superfície de vidro e amplia uma pincelada até se tornar visível o rasto de cada cerda que o pintor traçou há cem anos. Ri-se, baixinho, porque na sala é preciso estar em silêncio. Depois, volta a libertar a imagem.

A moldura é estreita como a aresta de um lápis, em latão mate, escolhido pela própria restauradora. Nenhum cabo denuncia de onde vem a corrente; numa sala classificada como património, ninguém gosta de furar. E quando, à noite, a casa desliga a sua rede, a placa não esquece nada. Traz o seu saber consigo. A sala não precisa de um centro de dados distante para dizer o que sabe sobre o seu quadro.

Em certas noites, a sala torna-se outra. Uma exposição termina, outra começa e, enquanto lá fora a cidade dorme, as placas de toda a casa reescrevem-se. Sem andaimes, sem encomenda à gráfica, sem escadote na escadaria. De manhã, os ganchos dos quadros são os mesmos, mas a parede conta outra história, mudada numa hora em vez de em três dias.

É este o aspeto da contenção quando se torna tecnologia. Não o gesto ruidoso, mas a meia-frase bem colocada. A ScreenWay é a plataforma para o conteúdo da placa, para que ela passe despercebida e o quadro não. Um ecrã que se põe ao serviço de uma natureza-morta percebeu para que serve um museu.

Ao fim do dia, o vigilante fecha a porta. O cinzento do Morandi afunda-se no crepúsculo, a placa ao lado respira com ele. Quando, no dia seguinte, a primeira luz entrar pelas claraboias e o primeiro passo soar no soalho, ela recomeça a contar, em voz baixa. Até lá, monta guarda, como um bom objeto exposto aprende com o seu vizinho – serena, fiável, inteiramente presente.